

Oficina de protótipos de moda e artesanato: aporte teórico e resultados práticos.

Ana Mery Sehbe De Carli

Doutora em Comunicação e Semiótica

Universidade de Caxias do Sul

Resumo

O projeto *Oficina de protótipos de moda e artesanato – ProModa* visa implantar oficinas para realização de protótipos de moda-vestuário e moda-casa, que utilizem o design e o artesanato em produtos inovadores, passíveis de produção industrial, e voltados para as necessidades e desejos do mercado. Experimenta o modelo de gestão de projetos sustentáveis na área social, envolvendo a universidade; o Estado; a comunidade de artesãos e as empresas privadas. Após a realização de cinco oficinas envolvendo aproximadamente sessenta artesãos, o projeto pretende apoiar o grupo na formação de associação que promova e profissionalize o artesanato.

Palavras chave: Moda; Artesanato; economia solidária.

Abstract:

The project *Oficina de protótipos de moda e artesanato – ProModa* aims to establish workshops for prototyping apparel fashion and house fashion, using handicraft and design innovative products capable of serial production, and focused on the needs and desires of market. The project experiences management model of sustainable projects in the social area, involving the university, the state, the community of artisans and private companies. After conducting five workshops involving approximately sixty artisans, the project aims to support the group in the organization of an association that promotes and professionalize handicrafts.

Keywords: Fashion, Crafts, solidarity economy

1 Introdução

Com base na constatação de parcerias bem-sucedidas, entre *designers*, artesãos e indústria, e sabendo que a região da Serra Gaúcha tem um artesanato muito rico, graças à sua colonização, na maior parte italiana, iniciou-se, em 2010, um projeto de pesquisa na Universidade de Caxias do Sul, que visa à aproximação entre as vertentes criativas do artesanato e da moda. O projeto justifica-se ao menos por quatro motivos: 1) exemplos conhecidos de parceria entre design e artesanato como Coopa-Roca, Talentos do Brasil, Projeto Piracema, Consórcio Natural Fashion e outros (DE CARLI et al, 2011), que estão atuando em projetos sustentáveis de economia solidária; 2) a fase da *Moda da ética anunciada* (DE CARLI, 2010) que considera mudanças sociais que afetam o *modus operandi* da cultura liberal, e são sinalizadas pela revitalização de valores de base moral, preocupação com o meio ambiente e com o desenvolvimento humano no meio empresarial público e privado; 3) a preocupação mundial com a geração de emprego e renda visto a economia tradicional com base no Estado e no mercado não conseguir mais resolver as questões relativas a empregabilidade 4) a atenção a novos movimentos organizacionais, novas economias, novos atores para

experimentar formas de empreendedorismo social, que fogem a relação tradicional de trabalho/emprego.

Nesse contexto, os conceitos e princípios da economia solidária têm potencializado ações para a geração de emprego e renda na área da moda. O projeto *Oficina de protótipos de moda e artesanato*, por sua vez, tem considerado a realidade local oportunizando a aproximação entre artesãos e designers em processos criativos possíveis de serem produzidos em série. As cinco oficinas realizadas de maio de 2010 até a presente data reuniram aproximadamente sessenta artesãos, que desenvolveram protótipos de moda casa e moda vestuário articulados com tendências da moda, sob orientação de designers.

O próximo passo do projeto será orientar um grupo de artesãos que demonstrou o interesse de fundar uma associação para trabalhar com coleções próprias e também com as indústrias de moda. Por esse motivo passamos a reunir conceitos, diretrizes e considerações sobre Economia Solidária para fundamentar e orientar as próximas etapas da pesquisa.

2 Economia Solidária

É termo constante nos novos empreendimentos da sociedade contemporânea. A conceituação do termo está em construção. Intelectuais tem se dedicado ao tema e, na academia, tem surgido dissertações de mestrado e teses de doutorado que estão acompanhando as mudanças que vem ocorrendo, na teoria e na prática, no campo da economia solidária, nos últimos 40 anos. No momento, faremos uma síntese histórica da economia solidária no Brasil chegando as suas relações com o projeto de pesquisa *Oficina de protótipos de moda e artesanato*, em desenvolvimento na UCS.

Para Goerck (2009, p. 176) movimentos de econômica solidária começam aparecer no Brasil com a crise econômica de 1929 que é agravada pela Revolução de 1930, quando o desemprego assume cifras importantes. Várias iniciativas governamentais são implantadas no país a partir daquela data com o objetivo de geração de emprego e renda. No início, de caráter mais paternalista e filantrópico, a meta das iniciativas solidárias era a ordem e a justiça social.

Continuando com os dados históricos, na década de 1940 foram criadas as instituições do Sistema 'S (Sebrae, Senai, Senac, Sesi, Sesc, etc.) voltados para atendimento aos trabalhadores da indústria e do comércio, bem como pequenos empresários. Em 1960 e 1970 é criado o FGTS – Fundo de Garantia de Tempo de Serviço e o SINE- Sistema Nacional de Empregos. Na década de 80 o governo cria o Seguro Desemprego e regula a jornada semanal de trabalho em 44 horas, contra as 48 horas anteriores. Na década de 1990 essa tarefa de geração de emprego e renda continua insistente na pauta governamental e adentra mais fortemente à economia de mercado. Programas focados na qualificação profissional ativam os ambientes do Planfor, Proger, Proemprego e BNDES, essas políticas ativas mesclam-se com as passivas como seguro-desemprego e distribuição de alimentos.

A partir de 1993, a Constituição cria o Conselho Deliberativo do Fundo de Amparo ao Trabalhador (Codefat) que, além de estimular atitudes propositivas quanto à geração de emprego, busca a integração e a participação da sociedade civil, que passa a propor e controlar políticas e programas sociais nos Fóruns Sociais. (GOERCK, 2009, p.177). O Estado, nas instâncias federal, estadual e municipal, e a sociedade civil, empenham-se na geração de emprego, na qualificação, profissionalização, na inclusão de cidadãos, enfim na emancipação dos brasileiros. Raichelis (apud Goerck, 2009, p. 177) diz que medidas foram tomadas para atingir os fins citados, porém ainda não estão esclarecidos os limites de atuação e das relações entre Estado e sociedade civil na constituição de uma esfera pública. O Estado compartilhando e/ou transferindo essas responsabilidades para as instituições da sociedade civil concretiza as ideias do referencial teórico neoliberal, mudando a orientação tradicional dos movimentos de solidariedade.

Na contemporaneidade é uma questão da esfera pública (Estado+Sociedade Civil), pensar e gerar alternativas envolvendo pessoas que estão à margem do mercado formal de trabalho ou são excluídos do sistema. Cabe esclarecer que muitas vezes o trabalhador sobrando, desclassificado, desnecessário é aquele que fica fora do sistema devido ao avanço da automação, daí a importância potencializar a força de trabalho para outro foco de produção ou serviço, ou ainda, tratar de classificá-la.

França Filho (2001, p.3) afirma que a emergência da economia solidária está ligada à problemática da crescente exclusão social advinda da crise do trabalho assalariado e da crise do Estado-providência. O Estado e o mercado não conseguindo mais absorver o contingente de trabalhadores, por motivos como: a automação, a alteração do perfil do trabalhador desejado, e até pelo fenômeno da urbanização que trouxe pessoas desclassificadas para as funções da cidade, buscam nas instituições da sociedade civil novas formas de trabalho e novos atores. Iniciativas nacionais relativamente novas reúnem usuários, profissionais e voluntários preocupados em articular criação de emprego e reforço da coesão social, ou geração de atividades econômicas com finalidades sociais. França Filho (2001, p.3) vê a economia solidária como busca de novas formas de regulação da sociedade.

Programas de Economia Solidária em Desenvolvimento no Brasil, ligados à Secretaria de Economia Solidária (Senaes), estão aproximando setores governamentais, instituições da sociedade civil e incubadoras universitárias em projetos e experiências coletivas direcionadas à geração de renda.

2.1 Economia Solidária - conceitos

Desmembrando o termo para facilitar o entendimento, Mance (apud Corrêa), define *economia* como “*ciência que trata dos fenômenos relativos à produção, distribuição, acumulação e consumo de bens materiais ou no sentido mais genérico da arte de bem administrar um estabelecimento qualquer*”. Para dar a *economia* qualidade de *solidária* deve-se completar com a ideia de “*colaboração solidária*” que envolve estes procedimentos acima citados, mas que vai além:

ao considerarmos a colaboração solidária como um trabalho e consumo compartilhados cujo vínculo recíproco entre as pessoas advém, primeiramente, de um sentido moral de corresponsabilidade pelo bem-viver de todos e de cada um em particular, buscando ampliar-se o máximo possível o exercício concreto da liberdade pessoal e pública, introduzimos no cerne desta definição o exercício humano da liberdade” (MANCE, apud Corrêa).

Enquanto a *economia* pensa na arte de bem administrar um estabelecimento, a *economia solidária* conjuga verbos como compartilhar, trocar conhecimentos, tecnologias e experiências, cooresponsabilizar trabalho e consumo visando o bem viver de todos. Assim o sentido de solidariedade, como vínculo do indivíduo com interesses e responsabilidades de um grupo social, atravessa a atividade econômica constituindo-se em atividade econômica solidária.

Para Coerck (2009, p. 87) o conceito de Economia Solidária abrange uma realidade muito diversificada formada por associações, cooperativas, e também grupos informais, porém originada por motivações e iniciativas distintas, peculiares a cada região e circunstância. A economia solidária é constituída por empreendimentos em que a solidariedade, a cooperação, a partilha dos rendimentos, de conhecimento e de informações entre os seus integrantes e a autoajuda constituem-se em elementos norteadores dessas experiências confirma Razeto (apud Coerck, 2009, p. 87).

É importante, segundo França Filho (2001, p. 4), estar alerta a duas formas viciadas e tradicionais de prática solidária: a primeira que pretende reativar formas de sociedade comunitarista que enxergam a solidariedade como uma espécie de neodomesticidade, caracterizando a relação paternalista que reforça a dependência do cidadão; caminho contrário das ações contemporâneas que visam a emancipação, o autogerenciamento. A segunda forma a evitar é aquela que entende a economia solidária como um setor à parte (terceiro) vindo se justapor a economia de Estado e de mercado, buscando corrigir as lacunas deixadas por eles e, ainda, constituindo uma economia por eles subsidiada.

Para França Filho (2001, p.4) a economia solidária não deve se constituir como um setor à parte (terceiro) e sim buscar incorporação, interação com as formas econômicas dominantes – Estado e mercado, “numa perspectiva de elaboração de arranjos particulares de princípios econômicos diversos, a fim de subordinar a lógica mercantil a outros imperativos da ação coletiva.” Desta forma, França Filho (2001, p.5) mostra a tensão que se estabelece na economia solidária entre as três economias de base: a mercantil (fundada no princípio do mercado auto-regulado, onde a troca impessoal se estabelece pelo valor do bem ou serviço estipulados pelo preço); a não mercantil (fundada na redistribuição, ou seja, na troca; é obrigatoriamente feita por uma instância superior que se apropria dos recursos para distribuí-los, a relação é vertical e pressupõe hierarquia); a não monetária (fundada na reciprocidade, que é um tipo de sistema em que a troca é orientada pela lógica da dádiva, que compreende três momentos: o de doar, o de receber e o de devolver. Os bens circulam de forma horizontal e a função é fortalecer laços sociais). A perspectiva da economia solidária, portanto é de uma economia plural, pois admite e transita na diversidade de princípios do comportamento econômico, acima identificados.

Para ampliar os conceitos que dizem respeito a este trabalho, reproduzimos algumas características dos empreendimentos solidários segundo o Ministério do Trabalho. Essas características reforçam a idéia de economia solidária como “arranjos particulares de princípios econômicos diversos” ou “economia plural”:

Cooperação – existência de interesses e objetivos comuns, a união dos esforços e capacidades, a propriedade coletiva de bens, a partilha dos resultados e responsabilidade solidária. Envolve diversos tipos de organização coletiva: empresas autogestionárias ou recuperadas (assumida por trabalhadores); associações comunitárias de produção; redes de produção, comercialização e consumo; grupos informais produtivos de segmentos específicos (mulheres, jovens, etc.); clubes de trocas etc. Na maioria dos casos, essas organizações coletivas agregam um conjunto grande de atividades individuais e familiares.

Autogestão – os/as participantes das organizações exercitam as práticas participativas de autogestão dos processos de trabalho, das definições estratégicas e cotidianas dos empreendimentos, da direção e coordenação das ações nos seus diversos graus e interesses, etc. Os apoios externos de assistência técnica e gerencial, de capacitação e assessoria não devem substituir nem impedir o protagonismo dos verdadeiros sujeitos da ação.

Dimensão econômica – é uma das bases de motivação da agregação de esforços e recursos pessoais e de outras organizações para a produção, beneficiamento, crédito, comercialização e consumo. Envolve o conjunto de elementos de viabilidade econômica, permeados por critérios de eficácia e efetividade, ao lado de aspectos culturais, ambientais e sociais.

Solidariedade – é expressa em diferentes dimensões: na justa distribuição dos resultados alcançados; nas oportunidades que levam ao desenvolvimento de capacidades e melhoria das condições de vida dos participantes; no compromisso com o meio ambiente saudável; nas relações que se estabelecem com a comunidade local; na participação ativa nos processos de desenvolvimento sustentável de base territorial, regional e nacional; nas relações com os outros movimentos sociais e populares de caráter emancipatório; na preocupação do bem estar dos trabalhadores e consumidores; e no respeito aos direitos dos trabalhadores e trabalhadoras.

Após revisadas idéias, considerações, e alertas chegamos a definição dada pelo Ministério do Trabalho e Emprego à economia solidária, que é o conjunto de atividades econômicas – de produção, distribuição, consumo, poupança e crédito – organizadas e realizadas solidariamente por trabalhadores e trabalhadoras sob a forma coletiva e autogestionária.

Completa-se com a definição dada por França Filho (2001, p. 6) para Economia Solidária – é um conjunto de atividades que contribui para a democratização da economia a partir de engajamentos de cidadania. O desafio da Economia Solidária, segundo França Filho, é não se deixar enquadrar como substituta da ação do Estado filantrópico ou paternalista, ou como substituta da ação do mercado de trabalho urbano e tecnológico excludente, e menos ainda se deixar tomar como um setor à parte, o terceiro setor. O objetivo é articular-se junto à esfera pública e o mercado, a fim de produzir uma incorporação, instaurando novas relações, formas econômicas e comerciais para configuração de um projeto de integração social e cultural.

A seguir apresenta-se a *Oficina de protótipos de moda e artesanato – ProModa*, identificando suas relações com a Economia Solidária, para orientar a formação da associação tão desejada pelos artesãos.

3 ProModa

O setor têxtil de moda de Caxias do Sul uniu-se na formação do Polo de Moda da Serra Gaúcha, que desde 2007 tem orquestrado projetos e metas coletivas de desenvolvimento de curto, médio e longo prazo para o setor. As articulações do grupo resultaram no reconhecimento de Arranjo Produtivo Local – APL, com foco na indústria têxtil (confecção, malharia e tecelagem); facilitando constituição de parcerias produtivas e eficazes apoiadas no triângulo da iniciativa privada, universidade e poder público. Várias práticas como *Banco de Vestuário*¹, o projeto de pesquisa *A Identidade regional e a responsabilidade social como ferramentas para agregar valor na Moda da Serra Gaúcha*² e ainda a pesquisa extensionista *Oficina de protótipos de moda e artesanato – ProModa* estão surgindo e oportunizando consideráveis melhoras ao setor. Na sequência, serão apresentadas experiências que estão sendo praticadas pela pesquisa ProModa, vivenciando conceitos, princípios e objetivos da sustentabilidade e da economia solidária.

As carências importantes do artesanato da região são: atualização, atenção às tendências da moda, parcerias com a indústria e informações que atendam às necessidades do mercado (DE CARLI, et al 2010a). Essa carência, que não é só privilégio deste lugar, pode ser suprida com projetos que envolvam cursos universitários de Design de Moda. Desta forma, a universidade pode e deve ser a mediadora de encontros entre o fazer artesanal, com seus valores afetivos e emocionais tão desejados pelo consumidor atual, e, a moda pelas novidades e primor estético. Os empresários também precisam ser sensibilizados pela potencialidade do encontro moda/artesanato, quando conceitos como *sustentabilidade ambiental, social e Economia Solidária* passam a fazer parte do glossário da moda, do mercado e do consumidor. Cabe esclarecer que o artesanato tem o poder de acrescentar valor

¹O Banco de Vestuário foi criado em outubro de 2009, em Caxias do Sul, inspirado nos Bancos Sociais em funcionamento na FIERGS – Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul, Gestão do banco é feita pelo poder público, iniciativa privada e universidade. A missão do Banco de Vestuário é receber, identificar e separar os resíduos industriais têxteis da região, e repassá-los as associações comunitárias, que utilizam estes resíduos como matéria-prima para o desenvolvimento de novos produtos. Tem por objetivo a geração de trabalho e renda, bem como qualificação profissional de trabalhadores da área de confecção e tecelegem.

²A pesquisa “A Identidade regional e a responsabilidade social como ferramentas para agregar valor na Moda da Serra Gaúcha”, coordenada pela professora Mercedes Lusa Manfredini, realizada pela Universidade de Caxias do Sul em parceria com o Pólo de Moda Serra Gaúcha, com apoio financeiro do CNPQ, tem como objetivo pesquisar e analisar o patrimônio cultural da região da serra gaúcha formado pelas práticas do cotidiano, pelas técnicas e tradições, pelos seus traços culturais distintos. Esse estudo constitui a base para o setor têxtil buscar traços de identidade que possam diferenciar seus produtos.

afetivo ao produto prolongando seu ciclo de vida, ao mesmo tempo em que promove a inclusão e geração de emprego e renda às mulheres, principalmente.

Em Caxias do Sul, segundo dados da Prefeitura Municipal, existem dois mil artesãos, aproximadamente quinze associações que promovem o artesanato e oitenta e cinco clubes de mães cadastrados na Associação de Clubes de Mães de Caxias do Sul (ACMCS, 2011). Os números referentes ao artesanato reforçam os dados relativos às indústrias do setor têxtil e do vestuário, ambos são significativos. Nos pólos produtivos do COREDE da Serra, existem 1913 empresas que geram 11570 empregos, o pólo que ocupa o primeiro lugar é o Município de Caxias do Sul. (RAIS 2010).

Á sinergia do encontro entre o Pólo de Moda, empresas privadas, poder público e universidade é a responsável pelos resultados positivos do projeto. O primeiro apoiador foi a Secretaria da Ciência, Inovação e Desenvolvimento Tecnológico (SCIT) – RS, que integralizou o apoio financeiro para a compra de máquinas e equipamentos necessários à confecção dos produtos. Outros apoiadores são: o Polo de Moda da Serra Gaúcha, que, além de facilitar o contato direto com as empresas, permite o acesso aos resíduos têxteis do Banco do Vestuário. A Fundação de Assistência Social (FAS), Coordenadoria da Mulher e a Secretaria do Desenvolvimento Econômico do Trabalho e Ação Social colaboram na divulgação do projeto, na seleção dos artesãos, bem como na condução do primeiro encontro dos artesãos para apresentações e sensibilização para o trabalho em equipe. O Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), por sua vez, disponibiliza um consultor para palestras sobre o empreendedor individual e sobre a formação de associações e cooperativas de interesses coletivos. As empresas privadas fornecem a matéria-prima para os protótipos e ainda participam dos encontros práticos, formado por designers e artesãos.

O objetivo geral da oficina é testar novas práticas para a produção de moda, as quais priorizem a sustentabilidade social e a inclusão, com vistas ao desenvolvimento de metodologias para projetos que fortaleçam a economia criativa, solidária e empreendedorismo social.

Apresenta ainda objetivos específicos que são: a) implantar oficinas experimentais que agreguem artesanato a produtos industriais de moda; b) reutilizar resíduos têxteis em produtos reciclados criativos, integrando artesãos e costureiras ao mercado de trabalho; c) proporcionar aos alunos possibilidades de criação e desenvolvimento de produtos de moda frente aos novos valores e novas práticas no campo da moda; d) registrar o desenvolvimento das oficinas, formando bases de dados e informações para publicação de artigos sobre economia criativa.

Desde maio de 2010 até a presente data cinco oficinas de moda artesanato foram desenvolvidas. O esforço da equipe envolvida nos projetos é compatível com o fundamento do projeto, pois se espera criar um diferencial na moda que seja

reconhecido e desejado pelo mercado, a partir de detalhes estético-formais oriundos do artesanato.

3.1 Desenvolvimento das oficinas

A metodologia de desenvolvimento utilizada e testada em quatro oportunidades tem demonstrado ser compatível com os objetivos a serem alcançados. É implantada em quatorze encontros, com duração de três horas, que ocorrem duas vezes por semana.

Os assuntos de caráter teórico são abordados em cinco encontros, que abordam seminários e palestras sobre: a identidade cultural da região; composição e aprimoramento estético; estado da arte do artesanato na moda e vice-versa; visita para reconhecimento das técnicas artesanais dos imigrantes (museus e mostras); empreendedorismo (trabalho em equipe, associativismo e cooperativismo). A sequência planejada das aulas teóricas busca fornecer informações e conhecimentos básicos para o desenvolvimento de coleção e valorização das técnicas artesanais.

Para as atividades práticas são destinados nove encontros, que trabalham a pesquisa de tendência; escolha do tema de coleção, assim como materiais e cores a serem utilizados; estudo das especialidades artesanais dosicineiros e suas aplicações nos produtos; quadro de coleção; ficha técnica de produto; formação de custo e preço de venda; execução e apresentação dos resultados em mostra ou desfile. As atividades práticas de desenvolvimento de protótipos utilizam as referências do capítulo *Gestão do design*, de Treptow (2003, p. 91 a 201) e as do capítulo *Projeto de moda*, de Jones (2005, p.166 a 182).

É necessário ainda lembrar que a relação com o artesão em oficinas e cursos não comporta imposições; é importante incentivar o clima de troca de conhecimentos e respeito mútuo, reconhecendo os valores particulares no trabalho coletivo. O projeto deve também proporcionar o crescimento profissional dos alunos bolsistas de iniciação científica.

A equipe de trabalho é composta por: uma coordenadora, uma designer (que pode mudar de acordo com a proposta de cada oficina), uma professora de modelagem, uma técnica em costura e duas ou três bolsistas acadêmicas do curso de Design de Moda. Na lista de palestrantes convidados figuram: uma professora de Artes, uma professora de História da Moda, um facilitador do SEBRAE e uma Assistente Social da FAS.

A seguir, apresenta-se um cronograma das atividades da oficina, e cometa-se sobre a parte prática que sofreu algumas variações interessantes que merecem destaque.

Quadro1 – Cronograma das atividades.

Encontro	Atividade	Ministrantes
1º	Apresentação dos professores e dosicineiros. Dinâmica para integração e motivação da equipe. História e novos rumos do artesanato: crochê; macramê; tricô; aplicações decorativas: laços, flores, bichinhos.	Assistente social da FAS. Bolsistas
2º	Oficina de aprimoramento estético, conceitos e exercícios: cor, forma, textura, relevo, composição, harmonia, ponto, linha, figura, fundo, formas geométricas, formas orgânicas, figurativo, abstrato. Visita à Documenta com foco nos artesanatos e nos costumes dos imigrantes. Ou visita ao Museu Municipal	Prof. de Artes Visuais. Monitora do Museu
3º	Palestra (SEBRAE)– Associativismo, trabalho em equipe. Visita à biblioteca do Campus 8, apreciação dos birôs de moda.	Facilitador do SEBRAE. Bolsistas
4º	Seminário:cultura e identidade da região. Passos para desenvolvimento de coleção e tema de coleção	Professora de História da Moda e pesquisadora do curso.
5º	Apresentação dos trabalhos individuais dos artesãos. Definição do tema e trabalho a ser desenvolvido. Estudo das peças que serão produzidas. Escolha de materiais, tipos de artesanatos, prazos, grupos de trabalho, etc.	Designer, bolsistas e coordenadora
6º	Definição das peças e testes dos artesanatos	Idem
7º	Fabricação de protótipos. Moldes, estudos e amostras para desenvolvimento dos protótipos; desenho de croquis.	Idem
8º	Fabricação de protótipos. Avaliação dos modelos em desenvolvimento.	Idem
9º	Fabricação de protótipos. Avaliação dos modelos em desenvolvimento.	Idem.
10º	Fabricação de protótipos. Avaliação dos modelos em desenvolvimento. Elaboração da ficha técnica.	Idem
11º	Fabricação de protótipos. Avaliação dos modelos em desenvolvimento. Elaboração da ficha técnica e formação de custo e preço de venda.	Idem
12º	Encontro para avaliação interna: apresentação da coleção e comentários.	Toda a equipe
13º	Revisão das peças e finalização.	Toda a equipe

No âmbito dos conteúdos teóricos das oficinas não houve muita variação. Na sequência das oficinas foi possível dimensionar o tempo e os conteúdos para as aulas teóricas. Também foi observado que os artesãos têm o perfil voltado para a ação, para a prática, por isso as aulas teóricas precisam ser bem dimensionadas para que o interesse seja mantido.

A partir do quinto encontro as oficinas realizadas tomaram rumo diverso, seguindo a proposta dos designers e/ou empresas envolvidas. As experiências serão relatadas a seguir.

Na primeira oficina a equipe para o desenvolvimento dos protótipos constituiu-se de: designer, modelista, artesãos, bolsistas, e coordenação. O tema de coleção privilegiou a identidade da região, devido a motivação desencadeada pela palestra ministrada pela professora de História da Moda da UCS, que abordou o assunto “ Cultura e identidade da região”. Assim, coube ao grupo de artesãos a parte da pesquisa, observação do cotidiano e catalogação de imagens e representações da região. O tema de coleção escolhido foi a pedra basalto concebida nas suas diversas utilizações e formas, desde a taipa (muro de pedras) entremeada de musgo e pequenas flores até o paralelepípedo, em forma de cubo para calçamento de vias urbanas. Para o desenvolvimento da moda vestuário, o grupo escolheu o colete como a peça a ser produzida. Assim, cada artesão desenhou o seu colete e o artesanato a ser agregado. A designer que fez parte da equipe orientou-os sobre a melhor forma de harmonizar a composição dos elementos na peça de vestuário. A modelagem dos coletes foi feita por uma professora de modelagem da UCS, e a confecção ficou destinada aos artesãos. Os tecidos foram fornecidos pelas empresas locais de forma gratuita ou com descontos especiais nos preços. E os equipamentos utilizados foram os do laboratório de costura do Curso de Moda/UCS, bem como as novas máquinas adquiridas com a verba da Secretaria da Ciência, Inovação e Tecnologia do Estado do Rio Grande do Sul – SCIT.

Na segunda oficina, o tema de coleção escolhido foi “Flores”, e os protótipos foram igualmente escolhidos pelo grupo. A peça a ser trabalhada na moda vestuário foi a bata. Nessa oficina foi desenvolvida também moda casa, com a produção de jogos americanos, trilhos de mesa, porta-talheres e porta-controle de TV e vídeo. Assim, cada artesão com orientação da designer aprimorou sua criação confeccionando uma peça de moda vestuário e uma peça de moda casa.

A variedade de modelagens e cores refletiu no tempo de produção das duas primeiras oficinas, tornando as oficinas pouco produtivas e prolongando os encontros previstos no cronograma. Para maior eficiência do projeto, foi considerado a necessidade de incluir uma pilotista na equipe e reduzir o número de modelagens disponíveis, ampliando a variação do artesanato utilizado.

A terceira oficina buscou trabalhar em parceria com duas empresas, uma do segmento moda infantil (Dedeka) e outra de moda casa (Sossego). A Dedeka apresentou o tema que estava sendo desenvolvido para a coleção de Inverno 2012, que era “Visita ao museu”, dando

destaque ao interesse do público infantil feminino e masculino. Entre aviões, carros antigos e dinossauros, os artesãos escolheram os dinossauros para trabalhar as peças infantis da linha masculina. Com a apresentação da inspiração das bailarinas pintadas por Degas, o tema escolhido para a coleção feminina foi bailarinas. A empresa infantil escolheu os protótipos e cedeu os moldes para o trabalho, que eram macacões, pijamas e pantufinhas. Por sugestão dos artesãos, foram feitos também coletes de crochê e tricô. A orientação no desenvolvimento das peças contou com a colaboração de uma designer, uma modelista e a colaboração das bolsistas.

Para a moda casa foram confeccionados lençóis, trocador de fralda, colchinha e bichinho de pelúcia. A cada artesão ficou designada a aplicação de artesanato sobre um protótipo de moda casa e moda vestuário. No decorrer do curso, parcerias entre artesãos aconteceram, o que favoreceu a troca de conhecimento das técnicas artesanais. Vale lembrar que os tecidos utilizados nos protótipos foram cedidos pelas empresas envolvidas (Dedeka e Sossego).

A quarta oficina teve uma metodologia diferente das demais, isso porque recebemos o convite para participar do 11º Bazar Criando com Arte, um evento beneficente que ocorre todo o ano em Caxias do Sul, cujo objetivo é expor e comercializar os trabalhos dos artesãos da Serra Gaúcha, em formato de feira, na época do Natal. Devido à falta de tempo para seguir o cronograma predeterminado no projeto, formou-se um grupo de artesãs voluntárias, que já haviam participado em oficinas anteriores. Por isso a parte teórica foi eliminada e iniciou-se direto a parte prática com as designers, que desta vez foram os alunos voluntários do curso de Design de Moda/UCS. A peça escolhida para produção foi saia feminina e o tema *Brasilidade*. A parceria de um artesão e um aluno de moda para a criação de um modelo foi muito profícua. Houve também a parceria com as empresas da cidade, como Pó de Pimenta e Rache Martini, que doaram saias de coleções passadas, para o artesão recriar aplicando o seu trabalho. O conceito de reutilização agregando valor do artesanato, permitiu o prolongamento do ciclo de vida do produto, logo é atitude engajada na moda sustentável. Os artesãos e as alunas de moda acharam o trabalho muito produtivo. As fichas técnicas foram preenchidas para a obtenção do preço dos produtos, pois estes seriam comercializados no bazar. Os lucros, divididos entre aluno e artesã.

A quinta oficina, ainda em andamento, trabalha em parceria com a malharia *Friolã* e a confecção *Carla Carlin*. As designers das empresas apresentam o tema e trabalham a criação diretamente com os artesãos, o que tem demonstrado experiência inédita para o grupo. As designers orientam o desenvolvimento da peça a ser produzida, providenciam os materiais, a modelagem e a confecção, deixando aflorar idéias e artesanatos que valorizem o básico na produção. A *Friolã* escolheu aplicar o artesanato sobre casaquinhos de malha na cor *off white*. E *Carla Carlin* sobre blusas e vestidos na cor branca. Essa oficina possibilita aproximação maior entre o artesão e o designer abrindo possibilidades para um futuro trabalho em conjunto.

4 Conclusão

As cinco oficinas mostraram no processo a articulação entre os agentes da economia solidária, ou seja, o Estado, a iniciativa privada e a universidade. O trabalho desenvolvido prima pela solidariedade, pois tem como objetivos: desenvolver as capacidades individuais e do grupo, melhorar de vida dos participantes e estabelecer vínculos com a comunidade local, no caso

aproximando a indústria têxtil e o artesanato que são vocações locais. Além da integração social e cultural existe a perspectiva econômica para o artesanato entrar na confecção e na malharia como valor agregado. As oficinas desenvolveram-se na base da cooperação entre os agentes promotores e entre as mulheres artesãs, no momento representando um grupo informal produtivo de segmento específico. A partilha de conhecimento e de informações foi constante nas oficinas e, mesmo que rendimentos monetários não constavam como objetivos no momento, houve rendimento partilhado de visibilidade nos programas de TV, nos desfiles e mostras dos trabalhos realizados. A perspectiva do projeto, no atual estágio, é realizar o desejo das artesãs de fundar uma associação pondo em prática um típico empreendimento da economia solidária. Iniciando nova etapa do projeto *Oficina de protótipos de moda e artesanato* pretende-se dar suporte para as artesãs interessadas trabalharem no plano de negócios, no estatuto e no regimento para a formação de uma associação de artesãs dentro dos princípios da economia solidária.

REFERENCIAS:

ACMCS, 2011. Dados colhidos da entrevista com a presidente da Associação dos Clubes de Clubes de Mães de Caxias do Sul. Marlene Panassolo, em 23 de agosto de 2011.

BANCO DE VESTUÁRIO. Informações da gerencia administrativa do Banco. Março, 2012.

CANÇADO, Airton Cardoso e PEREIRA. Gestão social: por onde anda o conceito? In: In: Ferreira, M.A.; Emmendoerfer, M.L.; Gava, R. (orgs). *Administração pública, gestão social e economia solidária*. Viçosa, MG: UFV, 2010.

CORRÊA, Luís Oscar Ramos **ECONOMIA POPULAR , SOLIDÁRIA E AUTOGESTÃO: o papel da Educação de Adultos neste novo cenário** (tendo como perspectiva a atuação da UFRGS). Acesso 18/abril/2012.

DE CARLI. Ana Mery Sehbe, et AL. Design e artesanato: novidade e tradição, um diálogo possível Revista Redige. [V. 2, N. 2 \(2011\): ECONOMIA CRIATIVA](#) - Seção de Iniciação Científica.

_____. Ana Mery. Moda no terceiro milênio novos valores e novas praticas. In: DE CARLI, A.M.S., MANFREDINI, M. (Orgs) *Moda em Sintonia*. Caxias do Sul: EDUCS, 2010

DOBROVOLSKI, Ricardo L. Perfis de desenvolvimento sustentável: quantificação e análise espacial para o Rio Grande do Sul. In ROMEIRO, Ademar Ribeiro. *Avaliação e contabilização de impactos ambientais*. Campinas: Unicamp, 2004.

FRANÇA FILHO, Genauto Carvalho Entrevista:

http://www.veracidade.salvador.ba.gov.br/v4/index.php?option=com_content&view=article&id=8&Itemid=3 Acesso em 07/março/2012. (Administração - estudos organizacionais) Veracidade revista da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano, Habitação e Meio Ambiente. Ano IV Numero 4 de Março de 2009 ISSN 1981545X

FRANÇA FILHO. Novos arranjos organizacionais possíveis? Revista Organizações e Sociedades vol.8 nº20 2001 <http://www.revistaoes.ufba.br/viewarticle.php?id=56> acesso 29/maio/2012. *Organizações & Sociedade*. ISSN 1413-585X *versão impressa* - ISSN 1984-9230 *versão online* Escola de Administração - Universidade Federal da Bahia

GOERCK, Caroline. Programa de Economia Solidária em desenvolvimento: sua contribuição para a viabilidade das experiências coletivas de geração de trabalho e renda no Rio Grande do Sul – Tese de doutorado da faculdade de Serviço Social da PUCS-RS 2009. Acesso em 28/abril/2012

RAIS – 2010, Relatório Anual de Informação social do Ministério do Trabalho e Emprego.

FRAGA, Ronaldo <http://revistatpm.uol.com.br/revista/117/paginas-vermelhas/ronaldo-fraga.html#0>,
Consulta em 01 março 2012

JONES, Sue Jenkyn. Fashion Design. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

KANITZ, Stephen. Terceiro Setor. <http://www.filantropia.org/OqueeTerceiroSetor.htm>, consulta em
09/março/2012. www.fbes.org.br; www.cooperativismopopular.ufrj.br

LIPOVETSKY, Gilles. *Metamorfoses da cultura liberal*. Porto Alegre: Sulina, 2004.

Ministerio do trabalho e emprego – portal do trabalho e emprego - BRASIL

http://www2.mte.gov.br/ecosolidaria/ecosolidaria_oque.asp **O que é Economia Solidária? Acesso em
29/maio/2012**

MORACE, Francesco. Globalização e o futuro brasileiro. IN: Globalização da economia têxtil e de
confeção brasileira. Rio de Janeiro: SENAI/CETIQT, 2008

MORIN, Edgar e **KERN**, Anne Brigitte. *Terra-Pátria*. Porto Alegre: Sulina, 2003.

OLIVEIRA, Benedito Anselmo Martins de. Significados acerca das cooperativas populares e suas
interfaces com a Economia solidária. In: Ferreira, M.A.; Emmendoerfer, M.L.; Gava, R. (orgs).
Administração pública, gestão social e economia solidária. Viçosa, MG: UFV, 2010.

PIMENTEL, Tiago Duarte; **PIMENTEL**, Mariana P. Chaves; **BRITO** Mozar J. de; **PEREIRA**, José R. Gestão
social: perspectivas, princípios e (de) limitações. In: Ferreira, M.A.; Emmendoerfer, M.L.; Gava, R. (orgs).
Administração pública, gestão social e economia solidária. Viçosa, MG: UFV, 2010.

TREPTOW, Doris. Inventando moda. Brusque, SC: D. Treptow, 2003

TUCCI, Celso Geraldo. A presença de projetos autogestionários nos empreendimentos de economia
solidária. Universidade de São Carlos. Centro de Ciências Humanas dissertação de Mestrado. 2012
[http://www.btdt.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado/tde_arquivos/22/TDE-2012-04-24T180405Z-
4356/Publico/4258.pdf](http://www.btdt.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado/tde_arquivos/22/TDE-2012-04-24T180405Z-4356/Publico/4258.pdf) Acesso em 28/maio/2012

VEZZOLI, C. Design para sistemas sustentáveis. Salvador: EDUFBA, 2010.

VIEIRA, Naldeir dos S.; **DUARTE**, Cristiane R. e **LEONEL**, Marcelino S. Característica dos empreendimentos
produtivos com bases associativas do vale do Mucuri. In: Ferreira, M.A.; Emmendoerfer, M.L.; Gava, R.
(orgs). *Administração pública, gestão social e economia solidária*. Viçosa, MG: UFV, 2010.

CORRÊA, .ECONOMIA POPULAR , SOLIDÁRIA E AUTOGESTÃO: o papel da Educação de Adultos neste
novo cenário